



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Roberto Evaldo Wiggers

**Blumenau:**

Entre o presente saudoso e o passado inventado (2019-2023)

Florianópolis  
2024

Roberto Evaldo Wiggers

**Blumenau:**

Entre o presente saudoso e o passado inventado (2019-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador: Prof. João Klug, Dr.

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

Wiggers, Roberto Evaldo

Blumenau : Entre o presente saudoso e o passado inventado (2019-2023) / Roberto Evaldo Wiggers ; orientador, João Klug, 2024.

42 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Imigração. 3. História Pública. 4. Blumenau. I. Klug, João. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, às dezoito horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor João Klug, Orientador e Presidente, pela Professora Méri Frotscher, Titular da Banca, e pelo Professor Pedro Toniazco Terres, Suplente, designados pela Portaria nº 19/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Roberto Evaldo Wiggers**, subordinado ao título: **"Blumenau: o presente saudoso do passado inventado (2018-2022)"**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor João Klug a nota final **8,5**, da Professora Méri Frotscher a nota final **8,5** e do Professor Pedro Toniazco Terres a nota final **8,5**; sendo aprovado com a nota final **8,5**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia doze de agosto de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 5 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. João Klug



Documento assinado digitalmente

JOAO KLUG

Data: 07/08/2024 20:34:54-0300

CPF: \*\*\*.486.900-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Méri Frotscher



MERI FROTSCHER KRAMER

Data: 08/08/2024 17:32:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Pedro Toniazco Terres



Documento assinado digitalmente

PEDRO TONIAZZO TERRES

Data: 10/08/2024 17:52:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Candidato Roberto Evaldo Wiggers



Documento assinado digitalmente

ROBERTO EVALDO WIGGERS

Data: 12/08/2024 18:46:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Luzia, por sua dedicação, amor e incentivo durante toda a minha vida. Por ser e seguir sendo o meu maior exemplo de inteligência e força.

Ao meu pai, Enio, por ter feito o possível e o impossível para que eu estivesse aqui, e por seguir me cuidando de longe.

À Lívia, por me lembrar como é legal existir sempre que me chama de dindo.

Ao professor Klug, por ser, desde o segundo período da graduação, o melhor orientador que já tive e por ter aceitado me orientar mesmo estando nos áureos anos de sua aposentadoria.

Aos meus amigos e colegas de graduação, que foram imprescindíveis durante toda essa jornada: à Gabriele, pelos incontáveis momentos, viagens, alegrias e sustos compartilhados; à Júlia, pela companhia, pelas receitas, pelas palavras e pelas séries maratonadas; à Bruna, por termos aprendido juntos que a docência pode ser divertida; e, à Larissa, por todas as sábias palavras e sábios silêncios.

Ao Professor Pilati, pelas incontáveis atas ditadas, que foram essenciais no processo de me ensinar a transpor pensamentos e ideias em palavras.

À Professora 'Dona' Fátima, a maior defensora da educação pública que conheci, que foi a pessoa a me olhar nos olhos e chorar comigo quando contei que passei no vestibular.

À JCA e a todos os prestistas da história, por boa parte de minha formação teórica enquanto marxista. Ao movimento estudantil, por ter sido o espaço onde pude me desenvolver politicamente, em especial ao Centro Acadêmico Livre de História e ao Movimento Secundarista.

À Fernanda, por ser meu pilar de sobriedade em terras manezinhas; à Heloísa, que tem sido a irmã que nunca tive; ao Edenar, que sempre traz apontamentos muito pertinentes para minhas ideias malucas; à Janete, pelas conversas matinais e por ter me mostrado a parte mais legal da Ilha de Santa Catarina; e, à minha tia adotiva, Mirela, que me deu abrigo num dos momentos que mais precisei.

À Professora Méri Frotscher, estudiosa do Vale, por ter aceitado o convite para esta banca. Ao Pedro, pela companhia e perspicácia durante as pesquisas sobre o passado 'esquecido' do Vale do Itajaí.

Ao Coletivo Inclua, especialmente à Lara e ao Augusto.

À Presidenta Dilma, coração valente, pela Lei de Cotas.

A todes que lutam pelo bom, pelo justo e pelo melhor do mundo.

É preciso não ter medo,  
é preciso ter a coragem de dizer.  
(Marighella, 1934)

## RESUMO

Esta monografia investiga como a imigração e o passado da região da Colônia Blumenau são representados em espaços públicos e virtuais. A pesquisa parte de abordagens sobre Imigração e História Pública, analisando a moldagem e difusão dessas narrativas em plataformas virtuais como Wikipédia, sites oficiais e documentários no *YouTube* - em especial os documentários *Uma História de Silêncios* e *Hermann*. Observa-se uma tendência à romantização do trabalho e à apresentação individualista da colonização, desconsiderando o contexto histórico amplo, nacional e global. A construção do passado em Blumenau frequentemente destaca o empreendimento individual e “heroico” de Hermann Blumenau, sem trazer elementos do imperialismo europeu, da escravização dos povos de África e do próprio genocídio indígena no Brasil. As narrativas dominantes tendem a ignorar o passado pré-colonial, excluindo a presença de qualquer sujeito histórico que não o migrante. Este fenômeno reflete uma tentativa de perpetuar uma visão eurocêntrica, racista e colonial da história, que contribui para o apagamento de culturas e povos diversos na história local. Este estudo busca contribuir para a compreensão crítica da imigração alemã em Blumenau e suas narrativas históricas, confrontando visões oficiais dominantes buscando valorizar a diversidade cultural e histórica da região. Este processo crítico é essencial para a construção de uma historiografia que seja verdadeiramente democrática e popular, capaz de refletir a complexidade e a riqueza das experiências humanas ao longo do espaço-tempo.

**Palavras-chave:** Imigração; História Pública; Blumenau.

## ABSTRACT

This monograph investigates how immigration and the past of the Blumenau Colony region are represented in public and virtual spaces. The research draws from approaches on Immigration and Public History, analyzing the shaping and dissemination of these narratives on virtual platforms such as Wikipedia, official websites, and YouTube documentaries - particularly the documentaries "Uma História de Silêncios" and "Hermann." There is a noticeable tendency to romanticize the work and present the colonization in an individualistic manner, disregarding the broader historical, national, and global context. The construction of the past in Blumenau often highlights the individual and "heroic" endeavor of Hermann Blumenau, without addressing elements of European imperialism, the enslavement of African peoples, and the genocide of indigenous people in Brazil. Dominant narratives tend to ignore the pre-colonial past, excluding the presence of any historical subjects other than the migrant. This phenomenon reflects an attempt to perpetuate a Eurocentric, racist, and colonial view of history, contributing to the erasure of diverse cultures and peoples in local history. This study aims to contribute to a critical understanding of German immigration in Blumenau and its historical narratives, confronting dominant official views while valuing the cultural and historical diversity of the region. This critical process is essential for the construction of a truly democratic and popular historiography, capable of reflecting the complexity and richness of human experiences across space-time.

**Keywords:** Migration; Public History; Blumenau.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - NARRATIVAS EM DISPUTA: O CÂNONE .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 2 - ENTRE DOIS MUNDOS .....</b>	<b>26</b>
2.1 - O PRESENTE SAUDOSO .....	29
2.2 - O PASSADO INVENTADO .....	31
2.3 - CHOQUE ENTRE DOIS MUNDOS.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>BIBLIOGRAFIAS E FONTES .....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

No decorrer do século XXI temos vivido um processo de descrédito da liberal-democracia, dirigido em parte pelos setores reacionários, conservadores e chauvinistas de nosso tempo<sup>1</sup>. Esse processo pode ser percebido na historiografia, onde percebemos abertas trincheiras, nas quais se inserem a História Pública e o diálogo de diferentes sujeitos, frequentemente em disputa. Nesse sentido, surgem as fontes digitais, como artigos de *blogs*, documentários veiculados em plataformas digitais, como o *Youtube*, e a circulação/difusão de conhecimentos em enciclopédias digitais, como a Wikipédia.

A história não é patrimônio exclusivo dos historiadores e não limita seu fazer à academia. Ela pode frequentemente ser percebida como uma narrativa objetiva e imparcial de um passado linear e etapista - no sentido de haver um passado, um presente e um futuro delimitados. No entanto, a construção da História, enquanto ciência, é um processo intrinsecamente político, influenciado e moldado por aqueles que detêm o poder e suas subjetividades.

Nesse sentido, alinhado a uma intelectualidade favorável à classe dominante, se constroem as narrativas históricas impressas no senso comum, estas, que foram resumidas por Engels e Marx (2004, p. 47) no livro *A ideologia alemã* ao dizerem que “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”.

A historiografia burguesa<sup>2</sup> - escrita e financiada pela burguesia - reflete os interesses e perspectivas dos grupos hegemônicos, enquanto marginaliza ou omite sujeitos outros. A presente monografia busca trazer elementos para discussão acerca da construção da História Oficial a partir de mecanismos de invenção de tradições, debatendo acerca da importância de se contrapor a essas narrativas, especialmente aquelas colocadas na região da antiga Colônia Blumenau. Entende-se História Oficial,

---

<sup>1</sup> Reacionários, pois atacam o presente; conservadores, pois ao serem reacionários buscam estagnar no presente um certo passado; e, chauvinistas, porque buscam descrever o passado como “glorioso” e demonstram um desejo inconsciente de voltar a ele.

<sup>2</sup> Esse conceito é trabalhado por marxistas como Hobsbawm (1990), Prestes (2002) e em especial Engels e Marx (2004) onde pode ser mais bem entendido no subcapítulo “A sociedade como sociedade burguesa” presente no livro *A Ideologia Alemã*, que dá elementos para fundamentar esse termo, embora não o use explicitamente. Destaco, nessa questão, o trazido por Le Febvre (1989), de que embora os marxistas usem esse conceito, ele foi desenvolvido pelos próprios intelectuais/historiadores burgueses ao descreverem a si e ao seu tempo à época da Revolução Francesa.

partindo de Prestes, que elabora o conceito ao questionar qual o papel do Historiador perante à ela:

Qual deve ser, pois, a postura do historiador diante da História Oficial - aquela elaboração histórica que convém aos grupos dominantes na sociedade e que se encontra consagrada e difundida principalmente nos livros escolares e na mídia? Tanto o historiador quanto o professor de História, nomundo de hoje, e, em particular no Brasil, diante de cada versão ou construção concreta apresentada pela História Oficial, tem que se posicionar, tem que se definir ideológica e politicamente. E se não o fizer conscientemente, estará na prática aceitando de maneira acrítica os postulados dessa História Oficial, que nos é imposta pelos donos do poder. (Prestes, 2011, p. 92)

Calcado nas obras de Eric Hobsbawm, em *A Invenção das tradições* (1990), Jacques Le Goff, em *História e Memória* (1990), em Patrick Geary, *O Mito das Nações* (2005), e em Habermas, *As estruturas sociais da esfera pública* (2015), se pretende contextualizar fatores que impactaram na formação da identidade teuto-brasileira na época moderna/contemporânea na região da antiga Colônia Blumenau, bem como analisar como se constroem as narrativas históricas acerca do passado - atentando ao que é lembrado e que o que é esquecido no debate público presente nas fontes.

Partiremos de um diagnóstico baseado em um apanhado de fontes digitais e iremos para a análise de duas produções audiovisuais, uma, a minissérie *Hermann*, que traz uma visão romântica e paternalista do cânone histórico, outra, o documentário *Uma história de silêncios*, que traz para cena questões silenciadas na região, como o nazismo e o integralismo. Permeando a discussão dessas fontes estará, para além do contexto de imigração alemã no Brasil, o papel da intelectualidade orgânica na manutenção do cânone historiográfico e da história oficial.

Para adentrarmos na análise da História Oficial na região, é importante compreendermos um pouco sobre o nacionalismo europeu e a construção da historiografia a partir dele.

A história moderna nasceu no século XIX, concebida e desenvolvida como um instrumento do nacionalismo europeu. Sendo assim, a história das nações européias foi um grande sucesso, mas transformou nossa compreensão do passado em um depósito de **lixo tóxico** impregnado do veneno do nacionalismo étnico, que penetrou fundo na consciência popular. A limpeza desse lixo é o mais intimidante dos desafios enfrentados atualmente pelos historiadores. (Geary, p. 253-256, 2005, grifo meu)

A história das nações europeias e seus povos foi utilizada como uma ferramenta para promover uma identidade nacional coesa, para justificar o direito de

propriedade territorial a determinados grupos - muitas vezes à custa da verdade histórica e do sistemático apagamento das trocas culturais entre os diferentes povos. Essa narrativa nacionalista transformou nossa compreensão do passado e moldou o *Zeitgeist* ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX, onde vimos traduzidos os horrores do nacionalismo pelo nazifascismo, pelos crimes franceses em África e pelo colonialismo britânico na Palestina e Índia, por exemplo.

Nossos métodos modernos de pesquisa histórica e nossa ciência não são neutros, pelo contrário, eles foram desenvolvidos para servir aos propósitos nacionalistas europeus, favorecendo certas interpretações e omitindo outras. Em certo sentido, Geary (2005, p. 260-262) traz que tanto o nacionalismo quanto as ferramentas de análise histórica foram inventados e aperfeiçoados em um ambiente marcado por inquietações étnicas, frente à isso, seguimos escorados em Prestes:

Por isso mesmo, o historiador, aquele que se propõe a compreender e explicar os fenômenos que têm lugar nas sociedades humanas, precisa ser um questionador, uma vez que ele, sendo um personagem do seu tempo, inserido em determinada sociedade de uma determinada época, não é nem pode ser neutro. No máximo, conseguirá manter uma neutralidade aparente. (Prestes, 2011, p. 92)

O nacionalismo europeu do século XIX utilizou a história como um meio de consolidar a identidade nacional, criando narrativas que exaltavam as glórias do passado e minimizando os aspectos menos favoráveis. Essas narrativas - nacionalistas - serviam para unir a população sob uma identidade comum, frequentemente em oposição a outros grupos ou nações. A história foi, portanto, escrita e reescrita para se alinhar aos objetivos nacionalistas, utilizando o passado como uma ferramenta para legitimar o presente e moldar o futuro, como aponta Geary (2005, p. 262-264).

Nesse sentido, notamos que há uma relação de simbiose entre consciência - o que sabemos - e objetividade - o que de fato é -, e podemos constatar que na relação entre ambas:

[...] intervém uma determinação fundamental: como o futuro é o desdobramento causal do presente, com todas as mediações e acasos possíveis, ele não é jamais uma decorrência direta e imediata da situação atual. Por isso, ou seja, como o futuro ainda não aconteceu - a consciência pode antecipar apenas parcialmente as consequências futuras de nossas ações. Há, por isso, tipicamente, sempre uma distância entre "intenção e gesto". As consequências dos atos humanos tendem a divergir, em algum grau, da finalidade que está nas suas bases [...] (Lessa e Tonet, 2004, p. 25)

Nisso, podemos intuir que o fato histórico passado, embora imutável - por sua materialidade - está sujeito a interpretações, haja visto que novas evidências podem surgir - o que faz com que novas análises e interpretações sobre a fonte podem surgir. Hobsbawm e Ranger (1990, p. 16), em *A Invenção das Tradições*, argumentam que muitas tradições que parecem antigas são, na verdade, invenções recentes. Estas práticas rituais ou simbólicas visam inculcar certos valores e normas de comportamento, estabelecendo uma continuidade com um passado histórico apropriado. A inovação, revestida de uma aparência de antiguidade, serve para legitimar instituições burguesas, status ou relações de autoridade e socializar indivíduos em sistemas de valores preexistentes.

Hobsbawm e Ranger categorizam as tradições inventadas em três tipos principais:

- a) Tradições de Coesão Social: Aquelas que simbolizam a coesão social ou a admissão em um grupo. Estas tradições são usadas para criar um sentimento de pertencimento e identidade coletiva.
- b) Tradições de Legitimidade: Aquelas que legitimam instituições, status ou relações de autoridade. Estas tradições ajudam a manter a estrutura de poder existente, conferindo-lhe um ar de antiguidade e inevitabilidade.
- c) Tradições de Socialização: Aquelas que têm como principal propósito a socialização e a inculcação de ideais e padrões de comportamento. Estas tradições moldam o comportamento dos indivíduos de acordo com as normas e valores da sociedade. (Hobsbawm; Ranger, 1990, p. 17)

Vemos assim que no âmbito das identidades e da identificação social de determinado povo, as tradições são fundadas e influenciadas por fatores culturais fabricados, embasados e legitimados em leituras de um passado que por vezes pode ser conservador e até reacionário - no sentido de atacar o presente.

Jacques Le Goff (1990, p. 432), em seu estudo sobre História e Memória, destaca a diferença entre memória coletiva e história. A memória é seletiva, frequentemente distorcida por emoções e percepções subjetivas, enquanto a história pretende ser uma reconstrução objetiva do passado. No entanto, a História Oficial é muitas vezes uma construção que utiliza a memória para legitimar ações e coesão de determinado grupo social.

Le Goff (1990) argumenta que a memória coletiva – social e histórica - é um componente essencial na formação da identidade de um grupo. No entanto, essa memória é muitas vezes manipulada para servir a interesses específicos. A História Oficial se utiliza dessa memória seletiva para criar narrativas que reforçam a coesão

social e legitimam o poder existente. Essa manipulação da memória coletiva pode resultar na marginalização ou apagamento de certas vozes e experiências, criando uma visão distorcida do passado, como elabora Prestes:

Eis a razão por que a elaboração da História Oficial adquire uma importância crescente nas sociedades contemporâneas. Trata-se de proclamar e difundir as vitórias e os sucessos alcançados pelos donos do poder, de hoje e do passado, nos permanentes conflitos sociais presentes na história mundial. Trata-se de consagrar o capitalismo. Em contrapartida, os ideais e as lutas dos setores, que não obtiveram êxito em seus propósitos revolucionários e transformadores e, muitas vezes, sofreram duras derrotas, são, segundo a lógica da História Oficial, esquecidos, silenciados, deturpados e combatidos. Em nossas sociedades contemporâneas, são os intelectuais orgânicos, comprometidos com a burguesia que cumprem a função de produzir tal História Oficial. Dessa forma, são consagradas inúmeras deformações históricas, inúmeras inverdades históricas e silenciados numerosos acontecimentos que não são do interesse dos setores dominantes que sejam do conhecimento da grande maioria das pessoas e, em particular, das novas gerações. (Prestes, 2011, p. 94)

Calcados nessa discussão, vemos que a seara imigração alemã para o Brasil está envolta nesses conceitos de nacionalismo e de invenção de tradições, ambos escorado na História Oficial. Durante o século XIX e início do século XX, como demonstra Professor René Gertz (2009)<sup>3</sup>, os imigrantes alemães trouxeram consigo suas próprias bagagens - literais e metafóricas - que continham tradições e narrativas históricas, bagagens estas que se entrelaçaram com as construções nacionais brasileiras. Este processo de assimilação, criação e adaptação de uma identidade teuto-brasileira envolveu tanto a preservação quanto a reinvenção de tradições, influenciando e moldando a identidade dos povos da Colônia.

Os imigrantes alemães no Brasil enfrentaram o desafio de preservar suas identidades - no plural - enquanto se integravam à sociedade brasileira. Esse processo resultou na criação de novas tradições que combinavam elementos das culturas alemãs e brasileiras. A memória coletiva dos imigrantes alemães foi moldada tanto pela nostalgia de sua terra natal quanto pela necessidade de se adaptar ao “Novo Mundo”.

---

<sup>3</sup> GERTZ, René E. Brasil e Alemanha: os brasileiros de origem alemã na construção de uma parceria histórica. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 119–149, 2009. Disponível em: [web.archive.org/web/20240219184105/https://www.periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/28024](http://web.archive.org/web/20240219184105/https://www.periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/28024). Acesso em: 22 jun. 2024.

A “História disciplinar”, que normaliza pensamentos e condutas, conforme argumentado por Avila e Nicolazzi (2019)<sup>4</sup>, está associada a valores irrefletidos e naturalizados que construíram um cânone definidor da ordem do “pensável” e do “legítimo”. Isso reflete uma visão que posiciona a Europa como o núcleo central do conhecimento e da civilização. O cânone historiográfico é definido pelos valores irrefletidos e naturalizados que construíram uma noção teleológica da história, centrada no espaço europeu como o núcleo irradiador do conhecimento (Assunção; Trapp, 2021, p. 232).

Para a construção de cânones, os servos intelectuais das elites se envolvem na seleção, escrita, descrição, popularização e institucionalização de certas narrativas em detrimento de outras. Este processo é influenciado por aqueles que estão no poder (Prestes, 2011, p. 94) e têm o controle sobre os meios de produção do conhecimento histórico - como acervos, arquivos e bibliotecas, por exemplo.

No tempo presente, narrativas são construídas e reinterpretadas a todo tempo, a fim de justificar o *status quo*. Veremos o caso emblemático, em um dos documentários, onde a entrevistada não apenas rememora a colonização e o colonizador como algo positivo e digno de estudo, como também se comove por se sentir “parte” do cânone histórico. Esse “presente saudoso” reflete uma memória seletiva e uma seleção de itens do passado - invenção de tradições - que busca legitimar, conservar e perpetuar a ordem e o cânone vigente ao tornar o passado algo tão fetichizado a ponto de ser tocado.

Este cânone é frequentemente criticado por sua falta de representatividade e por perpetuar uma visão eurocêntrica e elitista da história. No decorrer desse trabalho trataremos para análise dois documentários, analisados como fonte, que falam do passado do povo na região da Colônia Blumenau e buscaremos compreender o discurso no qual eles se constroem. Entender a quem o discurso serve e como o imaginário coletivo sobre o passado pode ser maleável quando há o alinhamento político entre aqueles que detêm os espaços de poder públicos e/ou privados. A incorporação de conceitos dos estudos étnico-raciais é essencial para um olhar crítico sobre o cânone e para a inclusão de vozes historicamente marginalizadas.

Os intelectuais alinhados à movimentos populares, conforme descritos por Prestes (2010, p. 95), são aqueles que emergem das classes subalternas e articulam

---

<sup>4</sup> AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (Orgs.). **A História (in)Disciplinada**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

as lutas sociais e culturais de seus grupos. No contexto da História Oficial, os intelectuais orgânicos da burguesia desempenham um papel crucial na manutenção das narrativas dominantes, enquanto os intelectuais orgânicos dos movimentos populares trabalham para subverter essas narrativas e promover uma compreensão mais ampla do passado frente à sociedade civil.

Nesse sentido, como trazido por Assunção e Trapp (2021)<sup>5</sup> no artigo: *É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira?*, Clóvis Moura e Beatriz Nascimento são exemplos de intelectuais orgânicos de movimentos populares que criticam a historiografia dominante e propõem uma visão alternativa que inclui a agência negra e a crítica à supremacia branca. Moura, em particular, argumenta que a historiografia brasileira excluiu sistematicamente negros, indígenas e mestiços, apresentando uma história que privilegia a perspectiva dos colonizadores e elites brancas - que é exatamente o que notamos ao adentrar na produção oficiosa na região de Blumenau.

A crítica de Moura à historiografia dominante é baseada na observação de que ela frequentemente ignora ou minimiza as contribuições e experiências dos negros e indígenas. Ele argumenta que essa exclusão não é acidental, mas sim um reflexo da estrutura de poder racializada da sociedade brasileira. Moura (1978 apud Assunção; Trapp, 2021, p. 240) propõe uma "sociologia da práxis negra" que reconhece a agência dos negros como agentes históricos ativos, em oposição à visão tradicional que os retrata apenas como vítimas passivas do sistema escravista.

Subverter a História Oficial envolve desafiar as narrativas dominantes, trazendo à tona histórias esquecidas ou silenciadas. A subversão é um ato político e cultural que busca democratizar a narrativa histórica, reconhecendo a pluralidade de experiências e perspectivas que compõem o tecido social.

Aqui, cabe trazer, com destaque, que a História canônica e Oficial da região da colônia Blumenau já foi subvertida, existem muitos trabalhos feitos, especialmente nas duas primeiras décadas do Século XX, destronando o cânone histórico e apresentando a agência de outros sujeitos históricos que não aquele abençoado pela História Oficial - e aqui cabe a reflexão do porquê o debate público segue perpetrando

---

<sup>5</sup> ASSUNÇÃO, M; TRAPP, R. É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiáspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 88, p. 229–252, set. 2021.

essas visões já ultrapassadas da História - fenômeno este que podemos ver expresso, também, em nível nacional/global.

A descolonização do cânone historiográfico é uma demanda ética e epistêmica, como pontuado por Assunção e Trapp (2021). A história é um campo de batalha onde diferentes versões do passado competem por legitimidade. Reconhecer e subverter lógicas excludentes e centralizadas em cânones é essencial para promover uma compreensão mais elevada e justa da história. Somente assim podemos avançar rumo a uma história que não apenas documenta - a partir de um pincelamento de fontes - mas também honre a riqueza das culturas e das lutas dos povos, reconhecendo que a verdadeira compreensão do passado é um processo dinâmico.

Ao utilizar os conceitos de nacionalismo, invenção de tradições e história/memória, podemos entender melhor como as narrativas históricas são construídas e perpetuadas, fundamentando assim a análise dos discursos presentes nas fontes. Com esse embasamento poderemos diagnosticar mecanismos de poder e como eles se reproduzem e buscam limitar o que está e o que não está apto para a discussão pública, aberta e democrática.

## CAPÍTULO 1 - NARRATIVAS EM DISPUTA: O CÂNONE<sup>6</sup>

Torna-se essencial ler as fontes históricas buscando entender quem as produziu e com quais interesses - se é corroborar com as oligarquias, o Estado ou propor uma análise que vá além disso, debruçando-se em fontes históricas que contradigam o pensamento dominante ou que o complementem com aspectos antes não percebidos, para que assim consigamos elucidar os pormenores dos processos históricos e nos aproximar ao máximo do fato histórico.

Durante a pesquisa para a construção desse trabalho foram encontradas diferentes fontes com alguns denominadores comuns, haja visto que a História Oficial da Colônia Blumenau - aquela escrita pelos grupos que concentram poder político - lida de forma romantizada sobre a formação e desenvolvimento, que se iniciou como empreendimento privado e em menos de uma década foi comprada e passou a ser usada como modelo pelo Segundo Reinado<sup>7</sup>, que estava em busca de expor para o mundo que o Brasil poderia ser um país branco e culturalmente europeu. Isso foi feito a partir de um superdimensionamento da valorização do imigrante branco e da invisibilização e apagamento de culturas outras como as caboclas, negras, quilombolas e indígenas.

Para tanto, faremos um debate a partir de Anita Prestes (2010) sobre como a História Oficial se coloca como narrativa hegemônica, como “natural” e partindo disso iremos a Lília Schwarcz (2015) e Carvalho (1996)<sup>8</sup> que esmiúçam as preocupações do Império com o tema da escravização e os projetos de construir e imagem de uma Europa tropical, e traremos o trabalho de Oliveira (2011)<sup>9</sup> onde a autora traz aspectos da Colônia de Blumenau que vão contra a narrativa oficiosa construída - com o apoio intelectual e financeiro do império - sobre a Colônia de Blumenau.

Partindo do acúmulo trazido pelos autores anteriores analisaremos a construção da História Oficial a partir de uma minissérie produzida pelo jornal O

---

<sup>6</sup> O presente capítulo contém trechos do artigo publicado por mim em 2023 na *Rio do Sul: nossa história em Revista*.

<sup>7</sup> Período compreendido entre 1840 e 1889, onde o país foi governado por Dom Pedro II.

<sup>8</sup> CARVALHO, J. M. de. A construção da ordem: a elite política imperial. **Teatro de sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Mariana L. de. Festejos do progresso: o Império brasileiro e a Colônia Blumenau nas Exposições Universais (1860-1883). In: **XXVI Simpósio Nacional da ANPUH** - Associação Nacional de História, 2011, São Paulo. v.01. p.01-16. Disponível em: [web.archive.org/web/20221105012527/http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308063630\\_AR\\_QUIVO\\_ArtigoEXPOSICOESUNIVERSAIS-MarianaL.deOliveira-1.pdf](http://web.archive.org/web/20221105012527/http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308063630_AR_QUIVO_ArtigoEXPOSICOESUNIVERSAIS-MarianaL.deOliveira-1.pdf) Acesso em: 20 fev. 2022.

Município de Blumenau<sup>10</sup> (Hermann, 2019), de um vídeo de comemoração dos 171 anos de Blumenau feito pela TV Legislativa de Blumenau<sup>11</sup> (Blumenau, 2021). Ambas as fontes se utilizam de uma narrativa paternalista e idealizada acerca da colonização. Por exemplo, todas as fontes analisadas sequer citam os povos indígenas existentes na região e legam ao senhor Hermann Blumenau<sup>12</sup> o papel principal na formação histórica da região, deixando invisibilizados outros sujeitos históricos.

O fato histórico é sempre uma escolha do autor, um recorte feito por ele que traz subjetivamente o seu posicionamento diante do mundo e da realidade descrita (Prestes, 2010, p. 91), portanto, negligenciar narrativas e/ou supervalorizar outras nem sempre se faz por uma escolha metodológica consciente. Aqui entra o compromisso do historiador para com a evidência, sempre questionando e buscando fazer uma análise concreta daquilo que se põe como objeto de análise, sem falar pelo objeto de estudo, mas deixando-o falar por si<sup>13</sup>.

A narrativa oficial da história se consolida na exaltação de “grandes” homens e “grandes feitos” fazendo assim um sistemático silenciamento daquilo tido como menos importante, e é assim que:

[...] são consagradas inúmeras deformações históricas, inúmeras inverdades e inúmeros acontecimentos que não são do interesse dos setores dominantes que sejam do conhecimento da grande maioria das pessoas (Prestes, 2010, p. 94)

É nessa relação, por vezes promíscua, entre os grupos dominantes e seus intelectuais, que surge um produto, uma peça de *marketing*: a História Oficial. Cria-se um ambiente saudoso de um passado inexistente e superdimensionado, que se cala perante questionamentos ao *status quo*. Dando ao posicionamento oficial - e hegemônico - o lustre de “natural”. Sobre esse lustre, podemos nos debruçar em Schwarcz (2015, p. 228) e Carvalho (1996, p. 295), que ao apresentarem as

---

<sup>10</sup> Jornal digital de maior circulação no município de Blumenau, fundado em 2017 e fundido ao grupo *O Município*, existente desde 1954 - conta com mais de 70 anos de bagagem e com mais de 110 mil seguidores na rede social *Instagram*. O jornal é líder absoluto de acessos desde 2022, superando em muito os demais colocados, conforme informações disponíveis em [web.archive.org/web/20230811164652/https://omunicipioblumenau.com.br/grupo-o-municipio-segue-na-lideranca-isolada-de-audiencia-em-blumenau-mostra-ivc/](http://web.archive.org/web/20230811164652/https://omunicipioblumenau.com.br/grupo-o-municipio-segue-na-lideranca-isolada-de-audiencia-em-blumenau-mostra-ivc/)

<sup>11</sup> TVL, TV Legislativa da Câmara Municipal de Blumenau, é o meio audiovisual de comunicação do Poder Legislativo para com a sociedade civil do município, presente tanto por sinal de TV aberta quanto no *YouTube*.

<sup>12</sup> Fundador da Colônia. A partir deste trecho seguiremos o denominando como senhor Blumenau.

<sup>13</sup> A questão acerca da análise sujeito-objeto pode ser melhor compreendida na obra de José Paulo Netto (2011), onde o estudioso traz elementos acerca da objetividade da análise histórica/científica, partindo de uma ideia Lukacsiana.

discussões tidas pelo Império acerca da europeização do Brasil, mostram que um dos panos de fundo desse tema era o medo de que as pessoas ex-escravizadas se consolidassem em maior número nas cidades, se politizassem e viessem a fazer no país uma revolta reivindicando sua cidadania tal qual o ocorrido no Haiti em 1804.

Havia durante as Regências<sup>14</sup> e continuou a haver durante o Segundo Reinado muitas preocupações dos governantes sobre a imagem externa do país. O Brasil dos oitocentos era visto pela Europa como um território não-branco e rural e foi com base nisso que se fizeram fortes investimentos públicos para a importação e criação de intelectuais que conformassem o que foi chamado por Schwarcz (2015, p. 228) de “teatro da corte”.

É a partir do investimento de Dom Pedro II em teorias raciais e na construção/invenção de um imaginário nacional branco, cristão e europeizado que a colônia particular do senhor Blumenau foi usada no ano de 1860 como laboratório para propaganda na Europa de um Brasil que não era, mas se pretendia *progressista/etapista* e *civilizado* (Oliveira, 2011, p. 3). Fazendo assim com que passasse a existir, ainda mais, a negação do negro/indígena e uma supervalorização da metrópole, conformando assim um romantismo *estético* que buscava consolidar o interesse das elites. “Foi durante o segundo reinado que o Brasil virou tropical - ao menos na sua representação pública - e o Estado se tornou um espelho, um pouco deformado, da Europa” (Schwarcz, 2015, p. 290).

Oliveira (2011) se debruça em analisar a especificidade da Colônia Blumenau e a contrapor a visão da história dá ao senhor Hermann um ar messiânico e central para o funcionamento do empreendimento colonial. O trabalho de Oliveira (2011) busca contrapor a história que dá ao senhor Hermann um ar messiânico e fundamental para o empreendimento colonial. De fato, durante os anos de 1860 e 1883 ocorreu na região do Vale do Itajaí um desenvolvimento acima da média, tornando a colônia um certo tipo de modelo que foi propagandeado pela Coroa Brasileira a fim de legitimar uma história desenvolvimentista e de progresso, mas isso se deu por intermédio de pesados investimentos públicos - vide a falência da Colônia, que prontamente foi socorrida e subsidiada pelo Império. Nessa seara, temos Klug (1991), que discorre:

---

<sup>14</sup> Período compreendido entre 1831 e 1840, entre a abdicação de Pedro I e o golpe da maioria de Pedro II.

Torna-se importante observar aqui, que tanto Joinville quanto Blumenau, como colônias particulares, necessitaram de auxílio financeiro para continuar seu empreendimento colonizador. Este fato indica a necessidade de revisão da tese que aponta para a iniciativa privada como razão do sucesso destas colônias. (Klug, 1991, p. 18)

Completando a revisão esborçado em debates historiográficos mais recentes, como os elaborados por Assunção e Trapp (2022) e Oliveira (2011), vemos que foi por conta do racismo contra o povo brasileiro, da propaganda colonial e da situação de crescente miséria na Europa - miséria fomentada pelo desenvolvimento do capital financeiro e consolidação do imperialismo nos países do norte global<sup>15</sup> - do Século XIX que uma grande massa de imigrantes, por meio de propagandas, passou a vir para as colônias nas Américas, como a Blumenau, e a Coroa encabeçou essa política, pois, para:

[...] promover este fluxo migratório da raça branca era imprescindível o Brasil demonstrar no exterior que era um país apropriado para a imigração, despertar nos europeus interesses diversos pelo território brasileiro, pois estes representavam tanto a mão-de-obra desejada pela política imperial, como também o elemento dito superior e civilizado (Oliveira, 2011, p. 3)

Foi na segunda metade do Século XIX, como discorre Oliveira (2011, p. 3), que passaram a acontecer no Ocidente as Exposições Universais - grandes feiras onde vários territórios do mundo se reuniam para apresentar e propagandear seus empreendimentos “civilizatórios” - e o Brasil, aproveitando a oportunidade e terreno fértil para apresentar um país de acordo com as pretensões imperiais, enviou o senhor Hermann para participar dessas exposições já que assim se poderia persuadir a apresentar terras propícias para trabalhadores e camponeses europeus que migrassem.

A propaganda da Colônia Blumenau era mentirosa. Onde se prometia terra boa de plantar era encontrada uma terra de mata virgem, repleta de animais típicos da mata atlântica, a ser desbravada pelo migrante. Muitos alemães ao chegar na colônia se mostraram descontentes com o “empreendimento” (Oliveira, 2011, p. 12), o que demonstra que a propaganda e o suporte financeiro feito pelo Império não

---

<sup>15</sup> Fenômeno este, que está descrito por Lênin (2021) em seu livro “Imperialismo, fase superior do capitalismo”. Na obra, o autor traz que desde o final da primeira metade do século XIX se viveu no mundo a fusão entre capitais: o capital industrial e o capital bancário, formando assim o capital (mercado) financeiro, entidade descontrolada que rege o mundo com sua mão invisível. E foi durante essa fusão que camponeses europeus foram expropriados de suas terras, a indústria passou a demissões em massa – trabalho infantil, ressalta-se – e demais mazelas foram infligidas à população europeia, obrigada assim, pela fome e pela pobreza, à migrar para o Novo Mundo.

necessariamente tinham respaldo na realidade concreta. Ao descrever o empreendimento colonial como algo planejado e pretendido pelos imigrantes, ao fazer uma valoração da micro-história e do pioneirismo de poucos, se faz uma tentativa - talvez inconsciente - de apagamento do contexto global de consolidação do modo de produção capitalista na Europa e da negação do intercâmbio cultural - nem sempre amistoso, mas sempre presente como via de mão dupla - entre os diferentes povos presentes na Colônia.

Nas fontes do tempo presente, é comum, ao analisarmos a produção “pública” da história de Blumenau nos deparamos com um constante apelo ao desenvolvimento progressista/etapista (Oliveira, 2011, p. 14), com uma visão romantizada do trabalho, da “força interior” do migrante, numa leitura deveras grotesca daquilo postulado por Max Weber como “ética do trabalho”<sup>16</sup>. Isso se percebe com facilidade ao vermos o documentário feito pela TV Legislativa de Blumenau (Blumenau, 2021), que termina com a frase “somos mais de 360 mil Blumenauenses, que acordam cedo, trabalham e festejam a alegria de viver aqui”.

Ao nos debruçarmos sobre a História Oficial de Blumenau presente na Wikipédia, no *site* da Prefeitura e nos mais diversos canais no *YouTube*<sup>17</sup> nos deparamos com algumas coisas que chamam a atenção, tais como a constante romantização do trabalho, o caráter personalista da colonização - onde não se analisa a migração e a formação da colônia como parte da consolidação global do capital e do epistemicídio, genocídio e apagamento dos povos e culturas originários, mas sim como uma série de empreendimentos individuais, frutos do acaso e da vontade de pessoas iluminadas por alguma chama divina. A narrativa dominante, tenta nos imputar que antes da Colônia, antes do senhor Hermann, “havia nada no meio do nada” (Hermann, 2019, 00:01:34). Mas, o que é o nada?

Essas narrativas se sustentam no pincelamento de fontes históricas, onde abertamente se escolhe negar qualquer narrativa que se oponha às das oligarquias

---

<sup>16</sup> WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12ª edição. São Paulo: Pioneira, 1996.

<sup>17</sup> Aqui, as fontes foram tratadas em conjunto, mas cabe trazer que são fontes produzidas em contextos e espaços virtuais muito diferentes: a Wikipédia, é um espaço colaborativo global - os verbetes são escritos/revisados por pessoas da sociedade civil, o site da Prefeitura, é mantido pelo Estado e pressupõe-se que os textos são feitos/revisados por algum servidor público qualificado - e consciente do que está falando, e os canais do YouTube, ficam à critério da pessoa/entidade/empresa por trás e das regras da plataforma.

locais, aos sobrenomes que se reproduzem e reinam no controle das empresas e prefeituras em todo o Vale do Itajaí. Nesse sentido, recorreremos a Prestes, que fala:

Numa sociedade atravessada, e movida, por conflitos sociais, ou seja, numa sociedade onde há explorados e exploradores, onde há, portanto, classes antagônicas, a História é sempre uma construção que reflete os interesses dos grupos sociais dominantes, que controlam os meios de comunicação [...] E isso é verdade, mesmo quando tal situação é mascarada, não estando explicitada, quando ela não é evidente. (Prestes, 2010, p. 92)

A História é um campo de batalha: no verbete “História de Blumenau” da Wikipédia (2024)<sup>18</sup> sequer há a presença do termo “indígena”; no site da Prefeitura de Blumenau (2022) que dedica uma das suas vinte e quatro linhas de texto para falar que “a região de Blumenau era habitada por indígenas”, “era habitada”, como se os indígenas houvessem parado de existir após o empreendimento colonial; e sequer explora a resistência e existência atual do povo Xokleng-Laklaño na região. Em ambos estes exemplos se constata: a história impressa no debate público - já revisada pela historiografia - não foi/é escrita por quem a faz, mas por quem detém os espaços de poder, essa é a mais pura expressão da luta de classes no campo da história em meios públicos/digitais.

Frotscher (2003)<sup>19</sup>, ao trazer elementos sobre as comemorações do centenário da Colônia, nos fornece uma análise muito profícua acerca dos motivos dos festejos, daquilo que foi selecionado para ser lembrado e daquilo que foi selecionado para ser esquecido, vemos isso:

Através das comemorações, as imagens e o conhecimento passado são conservados e transmitidos. Mas comemorar, celebrar, pode vir a alcançar um significado mais amplo. **A comemoração tem uma ‘fundação pedagógica e unificadora’ que pode garantir a memória e/ou impor a perda da lembrança do que não retifique a coesão.** No momento da comemoração, em Blumenau, o integralismo, o nacional-socialismo e a nacionalização eram capítulos que os autores e organizadores do Álbum do Centenário não queriam trazer à tona. (Frotscher, p. 248, destaque meu)

---

<sup>18</sup> O verbete como está em 2024 está praticamente com a mesma estrutura e escrita da sua forma original em 2008 - mas poderá não ser assim em 2025 ou 2026. O conteúdo na Wikipédia é absoluta e eternamente mutável e analisável, observado as regras, ferramentas, contradições e conflitos internos da própria plataforma.

<sup>19</sup> FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade:** ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). 2003. 279f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História da UFSC, Florianópolis, 2003.

Nesse trecho, vemos como os exploradores/colonizadores e suas redes detêm a maioria dos espaços públicos e privados<sup>20</sup> e buscam imprimir a sua história aos explorados e com isso, ao não falarem sobre determinados assuntos, a legarem ao esquecimento alguns acontecimentos e fontes, acabam por produzir ainda mais fontes sobre si próprios - enquanto, paralelamente a isso, por muito se perpetua um discurso de que outras narrativas são pouco estudadas por uma escassez de fontes. É aqui que entra o papel do historiador, comprometido com a história dos povos, que organize os objetos/fontes encontradas tendo como perspectiva aquilo que Hobsbawm (apud Prestes, 2010, p. 94) chama de “soberania da evidência” e que produza uma historiografia acerca daquilo que foi escolhido ser esquecido.

O apagamento indígena da história da colônia, como vimos, servia aos interesses do Império, que buscava criar e propagandear um “Vale Europeu” e serve, ainda hoje, a grupos específicos que mantêm o poder político da região e se utilizam de uma análise histórica romantizada da imigração para contar sobre como seus antepassados consolidaram poder e concentraram riqueza, tendo isso como algo natural e imprimindo para a massa trabalhadora que, com muito trabalho, elas também poderão “chegar lá”.

Neste sentido é importante destacarmos que nos últimos períodos, especialmente após a virada do século XX, se estão produzindo trabalhos acadêmicos que buscam ir além da história oficiosa e narram o papel dos escravizados<sup>21</sup> dos indígenas<sup>22</sup> e dos imigrantes/camponeses pobres que passaram a se estabelecer na região da colônia e que tem, até hoje, a sua história negada.

Ao analisar a formação e as representações da colônia de Blumenau nas fontes oficiais do tempo presente podemos contrapor ela a luz de pesquisas que explicam a formação da colônia a partir de outros sujeitos e outras categorias de análise. Por certo, são negados o papel do Império, os motivos da imigração europeia, a história

---

<sup>20</sup> Conforme postulado por Habermas (2015), em seu trabalho sobre as Esferas Pública e Privada. Ambos os espaços/esferas conformam um tipo de simbiose.

<sup>21</sup> A escravização e a presença negra em Blumenau é negada/minimizada pelas correntes hegemônicas. Mas, como mostra Bosignari (2022) isso não apenas é uma inverdade como também existem diversas fontes históricas que comprovam a presença e o impacto das culturas negras na região.

<sup>22</sup> Destaco, para essa discussão, toda a produção, manifestação e divulgação científica feitas e compartilhadas pela Juventude Laklaño/Xokleng, que demonstram a resistência indígena à toda tentativa de epistemicídio perpetrada pelos novos e pelos antigos servos da colonialidade. Temos, também, os estudos de Nanblá Gakran (2021), fora as produções no campo da arqueologia e da antropologia, que também ajudam a destruir a ideia de um Vale do Itajaí como “terra nullis”.

indígena, a história dos colonos e a história das pessoas escravizadas durante a formação da Colônia. E essa negação acontece para consolidar uma narrativa individualista e liberal de colonização que lega o suposto “sucesso” da Colônia ao “duro” empenho gente como o senhor Hermann.

Há um vasto território a ser estudado. A colônia começada em 1850 hoje conforma mais de 30 municípios e o desconhecimento da colonização por parte das massas gera um sentimento de pertença a uma realidade/cultura regional que foi, explicitamente, inventada. Urge divulgarmos e produzirmos pesquisas que busquem ir além das narrativas oficiosas de legitimação dos poderosos, de exaltação dos “grandes” nomes e dos “grandes” feitos.

Necessitamos de produções historiográficas no debate público que subvertam a narrativa oficiosa predominante no senso comum do “Vale Europeu”, pois, como nos aponta a frase atribuída à Edmund Burke: um povo que não conhece sua história, está condenado a repeti-la.

## CAPÍTULO 2 - ENTRE DOIS MUNDOS

Os elementos abordados anteriormente serviram como fundamentação teórica e como diagnóstico de como a narrativa da História Oficial da região se monta. Além daquilo já posto, nos valem aqui dos trabalhos de Bloch (2002)<sup>23</sup>, Habermas (2015)<sup>24</sup>, Hobsbawm (1990)<sup>25</sup>, Marx (2011)<sup>26</sup> e Prestes (2010)<sup>27</sup>, buscaremos entender como as memórias históricas são construídas para favorecer interesses específicos, principalmente das oligarquias locais.

A narrativa dominante de Blumenau, como vimos, frequentemente exalta figuras heroicas e eventos gloriosos da colonização alemã, enquanto ignora ou minimiza as contribuições de outros sujeitos. Essa construção histórica reforça a visão de que a “prosperidade” da região é exclusivamente resultado do trabalho dos imigrantes europeus. A memória coletiva (Le Goff, 1990, p. 425) é assim manipulada para perpetuar uma versão idealizada da história.

Podemos perceber que os interesses das elites na construção de discursos históricos é um fenômeno amplamente reconhecido e consensuado entre diferentes intelectuais, independentemente de suas abordagens teórico-metodológicas. A evidência histórica sobre a manipulação e a formação de narrativas serve como um ponto de convergência para pensadores, tais como descritos a seguir:

1. Marc Bloch (2002), enfatiza a importância de entender a história não apenas como uma sequência de eventos, mas como uma construção social influenciada por múltiplas vozes e interesses.

2. Habermas (2015), discorre sobre a esfera pública e nos ajuda a entender como a burguesia utiliza seu monopólio sobre a opinião pública para moldar a nossa memória histórica de maneira que favoreça os seus interesses. Habermas discute a transformação da esfera pública e como a classe dominante consegue controlar o discurso público, assegurando que suas versões da história prevaleçam. Este controle sobre a narrativa histórica permite que as elites mantenham sua hegemonia cultural e

---

<sup>23</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

<sup>24</sup> HABERMAS, Jürgen. Estruturas Sociais da esfera Pública. In: \_\_\_\_\_. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. São Paulo: Editora da UNESP, 2015, p. 135-163.

<sup>25</sup> HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>26</sup> MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

<sup>27</sup> PRESTES, A. L. O historiador perante a história oficial. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 91–96, 2010. Disponível em: [doi.org/10.9771/gmed.v2i1.9607](https://doi.org/10.9771/gmed.v2i1.9607). Acesso em: 20 fev. 2022.

política, silenciando vozes discordantes e apagando memórias que desafiem a estas narrativas.

3. Hobsbawm (1990), com sua análise sobre a invenção das tradições, demonstra como muitos aspectos que consideramos parte de um passado antigo são, na verdade, criações recentes feitas para servir a propósitos específicos.

4. Marx (2011), no 18 de Brumário nos mostra que os eventos históricos são frequentemente reinterpretados para justificar o presente. Marx argumenta que as tradições do passado pesam como um pesadelo sobre o presente e o “cérebro dos vivos”, moldando a forma como entendemos nossa realidade atual. Aplicando isso no contexto de Blumenau, isso significa que a história é constantemente reescrita para sustentar as condições sociais e econômicas vigentes, favorecendo as oligarquias e mantendo inalteradas as estruturas de poder.

5. Prestes (2010) destaca como a História Oficial é frequentemente moldada pelos intelectuais orgânicos da burguesia, refletindo os interesses das classes dominantes e perpetuando uma versão dos acontecimentos que favorece os poderosos. Sua análise crítica revela a subjetividade intrínseca à produção histórica e a necessidade de uma historiografia comprometida com a verdade e a inclusão de vozes marginalizadas.

Posto este apanhado, vemos uma clara convergência de interpretações entre estes autores, mesmo que partindo de campos político-ideológicos e análises histórico/metodológicas diferentes. Convergências estas que são basilares para o exercício da historiografia, indiferente do campo ou espectro político do/da profissional em história. Estas convergências reforçam a importância de analisarmos criticamente as narrativas históricas e buscar uma compreensão mais profunda do passado para além das narrativas burguesas. Mas a história não é patrimônio dos historiadores, e as produções públicas - veiculadas nos mais diversos meios de comunicação - nem sempre passam pelo crivo científico e pela revisão de pares. Fazendo com que sejam divulgadas aberrações disfarçadas de história.

Agora, partindo desse arcabouço, partiremos para a análise de duas fontes audiovisuais, a primeira sendo o terceiro episódio da minissérie *Hermann*, feita pelo jornal O Município (Hermann, 2019) e a segunda o documentário *Uma História de Silêncios* (2023), promovido/premiado pelo Instituto Vladimir Herzog e realizado por estudantes do curso de Jornalismo da UFSC.

Faremos uma análise preliminar de trechos selecionados e transcritos de falas dos documentários, essa análise inicial se escora em Souza (2003)<sup>28</sup>, que, ao concluir seu trabalho diz:

Filmes são basicamente pedaços de imagens manipuladas com a intenção de provocar uma reação ao espectador; **a análise dos cortes e da integridade da "escrita" original do documento** compreende uma etapa anterior que a simples visualização em VHS, por exemplo, esconde do pesquisador (Souza, p. 61, destaque meu)

Em um exercício inicial de análise da fonte, faremos transcrições das falas da professora Sueli Petry, historiadora presente em ambas as fontes, onde analisaremos como se constrói a escrita e a análise da historiadora. Os documentários oferecem visões contrastantes e complementares sobre a história da região de Blumenau e a imigração alemã, refletindo diferentes abordagens e objetivos na construção das narrativas históricas.

Sueli Petry, de acordo com sua apresentação no *LinkedIn*<sup>29</sup>, “tem atuado principalmente nos temas de usos e costumes, colonização, tradição e moda”. Historiadora por formação, já foi Professora Titular da FURB - Universidade Regional de Blumenau - por quase três décadas e “atualmente é diretora de Patrimônio Histórico Museológico da Secretaria de Cultura e Relações Institucionais de Blumenau, atuando na área arquivística desde 1972”.

Ambas as fontes em que a historiadora Sueli Petry aparece fornecem material valioso para a análise do discurso histórico, da construção do cânone histórico e da legitimação das oligarquias. As fontes a serem analisadas revelam a maneira como as elites utilizam a historiografia para reforçar sua hegemonia cultural e política. O discurso cuidadosamente construído e difundido através dessas narrativas não é neutro, mas carregado de intencionalidade política. A seleção do que é lembrado e o que é esquecido não é um processo passivo, mas um ato deliberado de poder, que visa consolidar uma determinada visão do passado em interesse das oligarquias locais. Ao destacar certos eventos e personagens enquanto silencia outros, a História Oficial cria um imaginário coletivo que nutre a estrutura de poder vigente.

---

<sup>28</sup> SOUZA, José Inacio de Melo. Trabalhando com cinejornais: relato de uma experiência. **História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 38, n. 1, jun. 2003. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20240206070618/https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2714>. Acesso em: 21 ago. 2023.

<sup>29</sup> Disponível em <[linkedin.com/in/sueli-maria-vanzueta-petry-580669221](https://www.linkedin.com/in/sueli-maria-vanzueta-petry-580669221)>

Além disso, a presença de Petry em posições de destaque, como diretora de Patrimônio Histórico Museológico da Secretaria de Cultura e Relações Institucionais de Blumenau, amplifica seu papel na construção e manutenção dessas narrativas. Sua influência sobre o patrimônio cultural e histórico da região lhe permite selecionar quais aspectos do passado são preservados e celebrados, e quais são negligenciados ou omitidos. Este espaço de poder não só reforça sua autoridade como historiadora, mas também a posiciona como uma figura central na definição da História Oficial e dos espaços de memória em Blumenau.

## 2.1 - O PRESENTE SAUDOSO

Aqui, analisaremos trechos do terceiro episódio da minissérie Hermann (2019), que discute o cânone historiográfico e sua importância para a região, de forma romântica, desde a fundação da Colônia até o retorno do senhor Hermann para a Alemanha. A produção inclui a participação de voluntários/amigos do Arquivo Histórico, políticos e da historiadora do Arquivo Histórico, Sueli Petry.

No documentário Hermann (2019), essa construção do cânone é clara. Petry, uma das principais entrevistadas, desempenha um papel crucial na perpetuação dessa narrativa. Ela expressa uma profunda reverência pelo senhor Hermann, destacando sua visão e dedicação na fundação da colônia. Suas palavras e emoções ilustram como a História Oficial é moldada para glorificar certas figuras e eventos, enquanto ignora ou minimiza outros. Por exemplo, Petry menciona:

**Ele era um sonhador**, mas acima de tudo ele **lutou muito** para tornar realidade **o que ele projeta**. Essa ideia do Blumenau sonhador, inclusive o Capanema, que era um amigo dele que também trocavam cartas, chamava a atenção dele: deixa de ser um sonhador. E um exemplo típico disso é um medalhão ilustrado por Bernard Scheidemantel que era um exímio desenhista dono de uma litografia, que imaginou o **Doutor Blumenau** em cima de uma grande pirâmide de braços abertos com uma coroa, e a medida que os degraus iam descendo, então ele colocava jocosamente certas palavras que os ratos estão comendo alguma coisa, ele criticava e ao mesmo tempo satirizava o fundador, o Hermann Blumenau. (Hermann, 2019, 00:04:10, destaque meu)

O documentário, ao focar na figura do senhor Hermann e sua suposta luta heroica para estabelecer a colônia, ignora as chagas e as contribuições milenares dos povos indígenas que estavam presentes na região muito antes do estabelecimento colonial. Este apagamento seletivo, enquanto narra “o que ele projeta”, e aquilo que

“ele lutou muito”, é uma característica central do cânone historiográfico, que visa criar uma narrativa coesa e gloriosa que legitima as posições das elites locais.

Este tipo de declaração não apenas enaltece a figura do senhor Hermann, mas também contribui para a criação de uma narrativa heroica do senhor Hermann coroado, idealista e empreendedor individual daquilo “que ele projeta”. As realidades mais complexas e frequentemente sombrias da colonização sequer são mencionadas. Vemos emoção de Petry ao falar sobre o senhor Hermann, em certo momento chegando às lágrimas ao descrever sua viagem à Alemanha para se “reencontrar espiritualmente” com ele, reforça essa narrativa quase mítica:

[...] recentemente então eu fiz a viagem dos meus sonhos, já tinha conhecido a Alemanha, mas eu queria ir como A Historiadora, **reencontrar o Blumenau espiritualmente** [Pausa de 10 segundos para uma cena da narradora, em preto e branco, chorando, pedindo um tempo para se recompor]. E lá, eu tive a oportunidade e a grande surpresa de me deparar com o testamento do **Doutor Blumenau**. Para nós, que trabalhamos com a documentação, é de vital importância esse documento justamente por quê? **Existe tanto mito, tanta lenda em relação ao Hermann**: que ele foi rico pra lá, que ele vivia abastadamente e, na realidade, não foi assim. (Hermann, 2019, 00:05:49, destaque meu)

Essa visão romantizada da história contribui para a manutenção do cânone historiográfico e na construção de um cânone histórico branco (Assunção e Trapp, 2021, p. 230)<sup>30</sup>, vemos que o “reencontro espiritual” deixa explícita a relação de servidão/fusão entre a intelectual (sujeito) e o cânone (objeto)<sup>31</sup>: essa apresentação da colonização como um empreendimento quase sagrado e inevitável, sem espaço para questionamentos críticos sobre suas implicações e consequências enquanto que exalta a figura do senhor Hermann.

O trabalho de Anita Prestes (2010) sobre a História Oficial é particularmente relevante aqui. Como vimos ela argumenta que a História Oficial é construída para servir aos interesses das classes dominantes, refletindo seus valores e perspectivas enquanto silencia e distorce as experiências dos oprimidos. No caso de Blumenau, o documentário Hermann (2019) exemplifica essa construção, ao promover uma visão da história que glorifica os colonos alemães - no caso, apenas o cânone - e ignora as realidades mais complexas e até dolorosas da colonização.

---

<sup>30</sup> ASSUNÇÃO, M; TRAPP, R. É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiáspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 88, p. 229–252, set. 2021.

<sup>31</sup> O conceito de sujeito/objeto e suas relações com a “totalidade” são mais bem elaborados por José Paulo Netto (2011), em “Introdução ao estudo do Método de Marx”.

Ao controlar a narrativa histórica, essas elites conseguem legitimar sua posição de poder e evitar questionamentos críticos sobre as bases de sua autoridade/poder/riqueza. Este processo de construção e manutenção do cânone é, portanto, um exercício de poder (Prestes, 2011, p. 92), que visa consolidar uma determinada visão do passado e suprimir outras.

Ainda, pelo discurso, a historiadora parece não apenas reconhecer e louvar o cânone, mas se ver como um:

Eu estou há tantos anos trabalhando com Hermann, que me parece que ele é um parente meu. **Eu faço parte de Hermann, ele já se incorporou à mim.** Pensar no Hermann é pra mim, assim... uma gratidão pelo feito que ele realizou, juntamente com todos os imigrantes [...] (Hermann, 2019, 00:07:34, grifo meu)

Pelos seus próprios relatos, a historiadora se fundiu com o seu objeto de estudo, transcendeu espiritualmente e se fundiu ao cânone histórico. O presente documentário serve como um exemplo claro de como o cânone historiográfico é construído e mantido. As falas e atitudes de Sueli Petry nos fornecem um exemplo clássico de memória seletiva, como elaborado por Le Goff (1990, p. 246) ao trazer que “a falta ou perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves na identidade coletiva”. Ela deliberadamente escolhe lembrar e celebrar apenas os aspectos positivos e heroicos do senhor Hermann, ignorando os aspectos problemáticos e as implicações mais amplas da colonização.

Esta seletividade é uma forma de perpetuar o cânone historiográfico enquanto deliberadamente ignora a complexa realidade histórica e os muitos atores envolvidos no processo de formação da colônia, particularmente os povos indígenas e negros, cujas histórias são sistematicamente marginalizadas, como demonstrado anteriormente.

## 2.2 - O PASSADO INVENTADO

Aqui, analisaremos trechos do curta/documentário *Uma História de Silêncios* (2023), que discute a memória coletiva na região de Blumenau, em especial a memória do tempo presente para com os períodos da primeira metade do século XX, como o nazismo e o integralismo. O documentário se constrói com a participação de

historiadores da região bem como com a participação de jornalistas, políticos, militantes e um delegado de polícia - esse último, que apresenta como lidar com os casos de racismo e de apologia ao nazismo na região. Nesse documentário, Petry é o ponto antagônico que demonstra os silêncios, que não são frutos do acaso ou de um único sujeito.

Uma História de Silêncios (2023) aborda a história do nazismo e do integralismo na região, destacando como essas narrativas são frequentemente minimizadas ou omitidas nas representações oficiais. O documentário evidencia o silêncio em torno dessas questões logo em seu início, quando a historiadora entrevistada, Sueli Petry, diz:

Mas a nossa população não tem essas preocupações de estarmos **perdendo nosso tempo** com essa história de nazismo na nossa região [00:00:11].  
[...] ao observar a Alemanha crescendo, saindo daquele caos. Quê que vocês acham? Eles vão admirar e vão defender quem? as ideias do nazi. [00:02:14]  
(Uma História de Silêncios, 2023)

Percebamos o jogo de palavras, onde quando Petry fala de assuntos gerais: nosso; quando fala de nazismo: eles. Isso não é apenas construção de discurso, é a negação da discussão acerca de um fato histórico - é uma intelectual dizendo que não se tem razão para estudar um assunto pois isso implicaria em “estarmos perdendo nosso tempo” - ela faz contrário daquilo postulado por Hobsbawm (1998 apud Prestes, 2011, página 94) como basilar de todo historiador: a soberania da evidência.

Petry, ao longo do documentário, continua:

Nós temos visto ultimamente um... nas mídias, uma divulgação muito grande em relação: ah porque tem o professor que tem uma piscina onde tem a suástica. **Então, existe muita ignorância em relação se aquele é um simpatizante do nazi tão fanático que vai botar na sua piscina a suástica [ou não], é o momento dele.** (Uma História de Silêncios, 2023, 00:04:01, destaque meu)

Para a historiadora, o fato histórico da presença nazista – no passado e no presente - na região é um amontoado de conjuntos individuais, é um “momento dele”, que existe “muita ignorância” ao analisarmos a situação, e ainda põe em xeque se o humano com uma suástica gigantesca dentro de casa é ou não é nazista.

A historiadora não observa que o nazista, que é professor de História, segue lecionando em uma escola privada em Blumenau e é recebido com pompas na escola

por estimular o “pensamento crítico”<sup>32</sup>. O negacionismo é pernicioso, quando vemos essas narrativas complacentes que preferem esquecer, afastar, individualizar e descontextualizar eventos desconfortáveis, temos o dever histórico de confrontá-las.

O documentário não segue a mesma linha teórica da entrevistada, nele ela é o ponto antagônico e vemos demais estudiosos trazendo relatos e contribuições significativas sobre o silêncio posto na região acerca dessa temática. Ao decorrer da entrevista com Petry, temos o seguinte diálogo entre ela e a entrevistadora:

[Entrevistadora] - O que a senhora acha da forma que a mídia está abordando esse assunto? [do nazismo na região do Alto Vale do Itajaí]  
 [Petry, desconfortável] - Exagerada, exagerada! Quanto mais você mexe... Né... Mais você traz à tona questões passadas. (Uma História de Silêncios, 00:09:40, 2023)

Aqui vemos uma historiadora, responsável há mais de 30 anos por um arquivo público, afirmando que quanto mais se estuda o nazismo - um estudo que frequentemente depende de arquivos públicos - mais exagerado se parece ser; e que fazer isso traz à tona "questões passadas". Sim, estudar questões passadas é exatamente o ofício do historiador.

Bloch (2002) dispõe claramente ao longo de sua obra que parte fundamental do ofício da história é a análise dos vestígios e arquivos à luz das perguntas do presente, fazendo sempre uma análise crítica das fontes, e destaca que a investigação do passado é essencial para a compreensão dos processos históricos.

Para concluir sua participação no documentário, a historiadora Petry, logo antes da participação/intervenção de um Delegado de Polícia, este que alerta sobre a presença de células nazistas ativas em Blumenau hoje em dia, afirma:

Tivemos aqui núcleos? tivemos, **não podemos negar**. mas, passou. muitos foram embora, outros já... não estão mais na nossa dimensão e **é um novo tempo**. (Uma História de Silêncios, 00:10:07, destaque meu)

Esta declaração é profundamente problemática. Se sabemos que existem células nazistas ativas - na clandestinidade - desconsideramos isso e admitimos apenas que “tivemos” uma presença no passado: algo está sendo omitido e o fato histórico está ausente. Aqui, a historiadora está deixando as evidências de lado e optando deliberadamente por uma representação que ignora um processo factual –

---

<sup>32</sup> Na página de *Facebook* do cursinho Acesso Educação, em 2020, Walter Pugliesi - nazista público e confesso desde 2014 - foi recebido para um bate papo. Para quem possuir estômago, está disponível em: [facebook.com/share/v/2UFHjC1XZTzpr42b](https://www.facebook.com/share/v/2UFHjC1XZTzpr42b)

como concreto e tangível, não como representação, como apontado por José Paulo Netto (2016, 02:11:56).

Com isso, vemos uma clara tentativa de minimizar e descontextualizar a presença nazista/integralista na região que não apenas distorce a realidade, mas também impede uma compreensão mais ampla e minimamente aprofundada dos processos históricos que moldaram e ainda moldam a região de Blumenau.

Além disso, a declaração de Petry de que "muitos foram embora, outros já... não estão mais na nossa dimensão" tenta desviar a atenção da continuidade e do impacto dessas ideologias racistas que ainda, por muito, perduram. A minimização de eventos como a atividade nazista em Blumenau é um exemplo claro de como a memória histórica pode ser manipulada para servir a interesses específicos. Ao afirmar que essas questões "passaram" e que "é um novo tempo", Petry está, *in facto*, contribuindo para a construção de uma narrativa racista que favorece a hegemonia cultural e política de quem se vale dessa negação, que se beneficiaram ou se beneficiam dessa construção negacionista de memória. Le Goff (1990, p. 442), traz, sobre o confisco da memória, que "ao poder da memória responde a destruição da memória", destruição essa que não necessariamente se imprime na realidade, mas se busca por quem se vale do poder da memória.

### 2.3 - CHOQUE ENTRE DOIS MUNDOS

Postas as análises preliminares nos dois subcapítulos anteriores, podemos captar que há uma diferença de tratamento entre algumas fontes, uma contradição. Um, tido como basilar e digno de comoção enquanto outros são tratados como secundários, sujeitos ao esquecimento. Temos assim dois mundos, duas "Blumenau", que se chocam.

A análise comparativa dos documentários Hermann (2019) e Uma História de Silêncios (2023) revela como a história é um campo de disputa onde diferentes narrativas competem pela legitimidade. Enquanto Hermann (2019) perpetua uma visão romantizada e individualista da colonização, Uma História de Silêncios (2023) desafia essa narrativa ao trazer à luz histórias suprimidas e esquecidas. Esta comparação destaca a importância de uma análise crítica das fontes históricas e a necessidade de uma historiografia baseada em evidências e que leve a cabo o

compromisso dos historiadores para com as fontes, e demonstram a importância da divulgação mais ampla do debate historiográfico que já superou essas questões.

Os documentários analisados abordam a construção da memória ao longo do tempo. Em Hermann (2019), observamos que fontes e feitos individuais de uma única pessoa, o senhor Hermann, são tratadas como essenciais para a compreensão da história, da cultura e do contexto atual da região. Em Uma História de Silêncios (2023), no entanto, vemos que algumas fontes são deliberadamente negadas pela mesma historiadora que, anteriormente, havia até se comovido ao falar de um único sujeito histórico.

Essa contradição levanta questões importantes: Como se faz a gestão do passado? Quem decide os espaços de memória? O que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido? Quem tem a autoridade de determinar o que é legítimo e pensável? Se a história é um conjunto de processos factuais, podemos deliberadamente escolher alguns fatos e esquecer outros?

O exercício da historiografia, conforme postulado por Hobsbawm e mencionado anteriormente, baseia-se na “soberania da evidência”. Diante da evidência, não devemos, como historiadores, considerá-la? Por que certas evidências são ignoradas? A figura paternalista e canônica do senhor Hermann é considerada importante para a narrativa da colonização e, de fato, ele é um sujeito que possui relevância histórica. No entanto, por que o passado nazista, é tratado como irrelevante? Le Goff diz:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. **Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes**, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. **Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.** (Le Goff, 1990, p. 427, grifo meu)

O esquecimento aqui serve como arma política, e os intelectuais servos das elites estão alinhados e à postos para criarem deformações históricas no tecido social. Essas questões nos levam a refletir sobre a construção das narrativas históricas e os critérios utilizados para determinar o que é incluído ou excluído da memória coletiva. Por isso se faz tão importante a análise crítica dessas fontes para que consigamos uma compreensão minimamente mais justa e abrangente da história.

Podemos encontrar um caminho para essas perguntas em Frotscher (2003, p. 253), que traz que: investir no lembrar, é também investir no esquecer. O passado,

por muito pode ser dolorido e trazer feridas que ainda não foram cicatrizadas, mas é importante que essas feridas sejam expostas para que consigamos passar por uma reflexão crítica do passado, possibilitando que suas lições contribuam para a mudança concreta na realidade material no tempo presente.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a crítica aqui dirigida à Petry não é dirigida à pessoa, mas sim ao que ela representa no espaço público: a política do esquecimento. Mesmo que esse esquecimento vise aliviar feridas, ele acaba por infligir ainda mais, pois a negação jamais servirá como medida de mudança substantiva na materialidade. A utilização política do esquecimento pelos seus "senhores", conforme discutido por Le Goff (1990, p. 427), mostra como os grupos dominantes e seus aliados manipulam as narrativas históricas para manter seu poder, *status* e controle sobre a sociedade.

No contexto de Blumenau, essa política do esquecimento é evidente quando vemos intelectuais públicos glorificando um cânone europeu enquanto negligenciam as experiências e contribuições de outros sujeitos e atores sociais. Essa manipulação da memória serve para reforçar uma perspectiva eurocêntrica, colonialista e racista na esfera pública, perpetuando a marginalização de narrativas e fatos históricos que desbotem o lustre da História Oficial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho foi motivada pela necessidade de questionar e desconstruir as narrativas históricas oficiais que frequentemente marginalizam ou apagam as contribuições históricas de todos os sujeitos que não foram abençoados pela égide das oligarquias locais.

A História Oficial de Blumenau, como demonstrado, glorifica figuras específicas e constrói uma narrativa que favorece grupos privilegiados, enquanto ignora ou minimiza as experiências dos povos indígenas, negros e até dos colonos pobres; todos esses, grupos marginalizados.

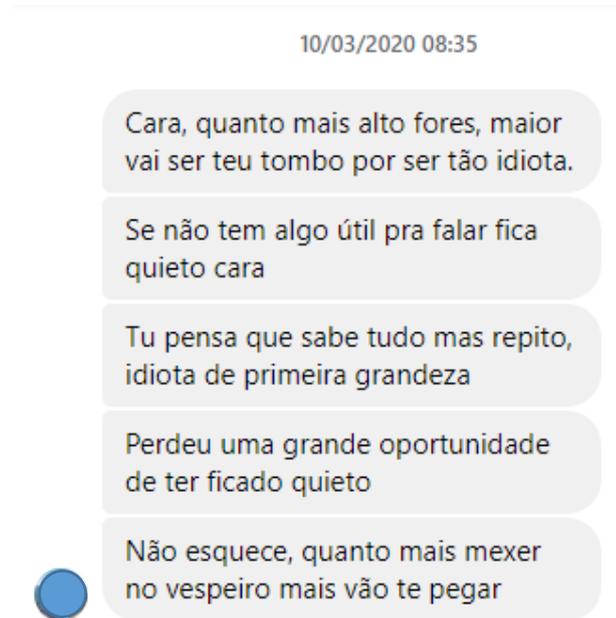
Além disso, tendo em vista as comemorações do bicentenário da imigração alemã para o Brasil em 2024, torna-se ainda mais urgente a necessidade de contrapormos essas narrativas históricas. Este marco histórico oferece uma oportunidade muito importante para refletirmos sobre as diversas influências e contribuições que moldaram a região de Blumenau e para confrontar as versões oficiais da história que perpetuam desigualdades e injustiças.

Partiu-se da importância de uma história subversiva, de uma história que conte a história dos de baixo, pois só assim teremos uma compreensão mais completa do passado. O cânone histórico tem seu papel na história, mas não deve ser visto como base fundamental. O culto ao cânone, especialmente por aqueles que pregam uma história neutra, objetiva e apolítica, é extremamente problemático.

Como trazido em alguns momentos ao longo do trabalho, esse cânone histórico já foi subvertido. Existe discussão historiográfica sobre a questão da imigração, dos povos indígenas e da população escravizada em Blumenau. Mas essa discussão precisa transcender os espaços acadêmicos e formais, o debate público carece - e muito - de uma história que diga aos povos a sua história, e não a história de alguns poucos sobrenomes. A História, enquanto ciência, deve ser inclusiva e crítica, reconhecendo e valorizando todas as vozes e experiências - e jamais deve ignorar fontes. Devemos estar dispostos a questionar e até negar o cânone quando ele serve apenas para perpetuar narrativas de poder.

Durante a construção deste trabalho, me deparei com fontes que resolvi socializar em minhas redes sociais, em especial uma imagem de Plínio Salgado sendo ovacionado na Praça Nereu Ramos, em Rio do Sul. E, em março de 2020, recebi a seguinte mensagem, de uma pessoa cujo nome foi omitido:

Figura 1 - Mensagem



Fonte: capturado pelo autor, 2024

Este incidente, julgo interessante, pois demonstra claramente que existe uma certa resistência contra narrativas alternativas e reforça ainda mais a importância de se produzir uma historiografia contra-hegemônica na região de Blumenau.

Nossa história, a história do nosso povo, tem sido frequentemente roubada. Em nome da *civilité*, nossa *Kultur*<sup>33</sup> é esmagada e desaparece, enquanto culturas, identidades e sujeitos dissidentes são relegados ao papel de meras curiosidades e coadjuvantes.

A colônia de Blumenau foi um empreendimento colonial racista, e ainda carrega em si traços desse racismo. Para enfrentar e superar isso, é necessário um profundo processo de autocrítica que inclui a aceitação e o exame crítico do passado. A luta constante por memória, verdade e justiça deve ser travada em todos os espaços possíveis.

Espaços de memória devem ser respeitados, e as fontes históricas, muitas vezes negligenciadas em arquivos abandonados, museus e até mesmo nas ruas,

---

<sup>33</sup> Norbert Elias (1994) destaca que *civilité* normaliza comportamentos, impondo um padrão homogêneo e marginalizando dissidentes como indignos. Em contraste, *Kultur* valoriza a diversidade cultural e os costumes locais, promovendo múltiplas identidades. Enquanto *civilité* homogeniza e controla, *Kultur* celebra a riqueza das tradições distintas.

precisam ser catalogadas e conservadas. Precisamos de profissionais de memória comprometidos com a história dos povos, não com a da classe dominante.

Em suma, a importância de uma história que inclua todas as vozes não pode ser subestimada. Devemos continuar a questionar, investigar e contar as histórias daqueles que foram silenciados. A História Oficial precisa ser constantemente questionada e revisitada à luz de novas evidências e perspectivas, tal como este trabalho buscou realizar. Apenas através de uma abordagem crítica podemos construir uma historiografia democrática e democratizante que reflita verdadeiramente a complexidade e a riqueza das experiências humanas.

## BIBLIOGRAFIAS E FONTES

### Fontes:

**BLUMENAU, 171 anos de história.** Blumenau: TV Legislativa de Blumenau, 2021. YouTube. Disponível em: [youtu.be/cX9QbLH16uM](https://youtu.be/cX9QbLH16uM). Acesso em: 20 fev. 2022.

**HERMANN** - Episódios 1, 2 e 3: conheça a história de Dr. Blumenau por meio de cartas escritas por ele mesmo. Blumenau: Jornal O Município, 2019. YouTube. Disponível em: [youtu.be/yohAIPNA1HM](https://youtu.be/yohAIPNA1HM). Acesso em: 20 fev. 2020.

PREFEITURA DE BLUMENAU. **História do Município.** Disponível em: [web.archive.org/web/20240717222647/https://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/historia](https://web.archive.org/web/20240717222647/https://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/historia). Acesso em: 20 fev. 2022.

**UMA HISTÓRIA de silêncios.** Produção e Roteiro de Clara Spessatto, Ísis Leites e Júlia Matos. Florianópolis: Instituto Vladimir Herzog, 2023. Youtube. Disponível em: [youtu.be/opJSmR-yxfA](https://youtu.be/opJSmR-yxfA). Acesso em: 18 dez. 2024.

WIKIPEDIA. **História de Blumenau.** Disponível em: <https://web.archive.org/web/20240717222647/https://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/historia>. Acesso em: 22 jul. 2024.

### Referências:

AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (Orgs.). **A História (in)Disciplinada.** Vitória: Editora Milfontes, 2019.

ASSUNÇÃO, M; TRAPP, R. É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 88, p. 229-252, set. 2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador.* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOSIGNARI, Vinícius. A lei Áurea em Blumenau não foi em 1848: a presença de pessoas escravizadas em Blumenau no século XIX. **Blumenau em Cadernos**. t. 1, n.1, p. 21-42, 2022.

CARVALHO, J. M. de. A construção da ordem: a elite política imperial. **Teatro de sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade:** ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau

(1929-1950). 2003. 279f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História da UFSC, Florianópolis, 2003.

GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

GERTZ, René E. Brasil e Alemanha: os brasileiros de origem alemã na construção de uma parceria histórica. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 119-149, 2009. Disponível em: [periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/28024](http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/28024). Acesso em: 22 jun. 2024.

HABERMAS, Jürgen. Estruturas Sociais da esfera Pública. In:\_\_\_\_\_. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. São Paulo: Editora da UNESP, 2015, p. 135-163.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KLUG, João. **Consciência Germânica e Luteranismo na Comunidade Alemã de Florianópolis (1868-1938)**. 1991. 214f. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-graduação em História da UFSC, Florianópolis, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990).

LEFEBVRE, Georges. **1789: o surgimento da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à Filosofia de Marx**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LENIN, Vladímir Ilich. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

GAKRAN, N.; CAMPOS, Ricardo de. **O Povo Laktlãnõ e os Outros**. 1. ed. Joinville: Edição dos Autores, 2021.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx** (segunda parte). Brasília: UnB, 2016. Disponível em [youtu.be/DI3Yocu-1oI](https://youtu.be/DI3Yocu-1oI). Acesso em 14 abr. 2021.

ODEBRECHT, Rolf; ODEBRECHT, Renate S. **Capítulos da história de Rio do Sul: 1850-1965: uma viagem ao passado.** Blumenau: Nova Letra, 2013.

OLIVEIRA, Mariana L. de. Festejos do progresso: o Império brasileiro e a Colônia Blumenau nas Exposições Universais (1860-1883). In: **XXVI Simpósio Nacional da ANPUH** - Associação Nacional de História, 2011, São Paulo. v.01. p.01-16.

Disponível em:

[snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308063630\\_ARQUIVO\\_ArtigoEXPOSICOE\\_SUNIVERSAIS-MarianaL.deOliveira-1.pdf](http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308063630_ARQUIVO_ArtigoEXPOSICOE_SUNIVERSAIS-MarianaL.deOliveira-1.pdf). Acesso em: 20 fev. 2022.

O MUNICIPIO. Grupo O Município segue na liderança isolada de audiência em Blumenau. Disponível em:

[web.archive.org/web/20230811164652/https://omunicipioblumenau.com.br/grupo-o-municipio-segue-na-lideranca-isolada-de-audiencia-em-blumenau-mostra-ivc/](http://web.archive.org/web/20230811164652/https://omunicipioblumenau.com.br/grupo-o-municipio-segue-na-lideranca-isolada-de-audiencia-em-blumenau-mostra-ivc/).

Acesso em 13 jul. 2024.

**PETRY, Sueli Maria Vanzuita.** Perfil profissional. LinkedIn. Disponível em: [br.linkedin.com/in/sueli-maria-vanzuita-petry-580669221](https://br.linkedin.com/in/sueli-maria-vanzuita-petry-580669221). Acesso em: 13 ago. 2023

PRESTES, A. L. O historiador perante a História Oficial. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 91-96, 2010. Disponível em:

[doi.org/10.9771/gmed.v2i1.9607](https://doi.org/10.9771/gmed.v2i1.9607). Acesso em: 20 fev. 2022.

SANTOS, Silvio Coelho. **Índios e brancos no Sul do Brasil:** a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme. 1973.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, José Inacio de Melo. TRABALHANDO COM CINEJORNAIS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA. *História: Questões & Debates*, [S.l.], v. 38, n. 1, jun. 2003.

ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2714/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

VERNANT, Jean Pierre. **Entre mito e política.** 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 12ª edição. São Paulo: Pioneira, 1996.

WIGGERS, Roberto. Narrativas sobre a Região da Colônia de Blumenau. **Rio do Sul: Nossa História em Revista**, v. XXIV, p. 7-16, 2023.